



CLÍNICA-ESCOLA DE PSICOLOGIA: TÉCNICA E ÉTICA¹

Ubirajara Cardoso de Cardoso²

Quando tratamos sobre a formação da clínica-escola de psicologia, estamos sempre considerando dois fins que são convergentes: um serviço de atendimento psicológico disponibilizado e a formação prática de terapeutas estagiários. Que essas duas finalidades sejam bem esclarecidas, resta interrogar sua relação com o estabelecimento dos meios para que sejam alcançadas, que são as atividades através das quais a instituição clínica realiza seus fins e elabora suas ações. É postulado de início que são três os predicados de uma clínica-escola de psicologia formada pelas suas atividades. Em primeiro lugar é necessário considerar a sua ética, se o ato que realiza está de acordo com aquilo que pretende realizar. Em segundo lugar está sua viabilidade, pensar se são, e como são possíveis os meios para a realização dos seus atos. Em terceiro lugar está sua validade, quando é necessário elaborar o valor de seus atos ao longo do tempo. Verifica-se que esses três predicados são distintos entre si, mas não podem ser considerados sem inter-relação, pois na essencialidade da instituição clínica determinam o que se pode chamar sua autenticidade. Pode-se interrogar se a formação da clínica-escola de psicologia se realiza através de um saber técnico e um saber ético, respectivamente um saber da situação geral, precipitado do acúmulo da experiência e um saber da situação particular, que leva a abordar cada caso clínico como novidade de experiência e, então, é necessário estabelecer a relação entre esses dois tipos de saber. Na Ética a Nicômaco, uma das questões levantadas por Aristóteles é como se pode constituir um saber sobre o ser ético do homem. Que tipo de saber é esse que pode permitir o discernimento do que é bom diante de uma situação concreta que exige a ação. Primeiramente é distinto de um saber científico, esse que vale para o que é eterno e imutável, como as leis da natureza e da physis, já que o campo dos assuntos humanos não é regido por regras invariáveis de máxima exatidão, o que determina que quem age precisa deliberar consigo próprio sobre sua ação, e isso sem permitir que nada lhe arrebathe sua autonomia: assim é o campo específico da ação ética. Mas se o saber ético não é um saber epistêmico, ainda assim o filósofo grego considera que é um saber o que deve orientar o agir. Dessa maneira ganha interesse que a interrogação de Aristóteles considere o saber técnico. A techne, para os gregos, é o campo mais próprio para a consideração de um saber que dirige o fazer. Trata-se da habilidade do artesão que, manipulando uma matéria, fabrica coisas. Assim, é um saber real que pode ser aprendido e ensinado, e que vale geralmente quando guia a experiência de sua finalidade particular. Será então o saber ético um saber no mesmo modelo da techne? A resposta é negativa. A deliberação que conduz ao agir também trata das coisas que são variáveis, mas o saber que possibilita tais deliberações não é um saber geral para ser aplicado a cada situação particular. Diante da situação concreta que exige do homem o agir é necessário um discernimento, seja em relação aos fins ou aos meios, que não é um saber prévio aprendido ou ensinado. É assim porque o homem não pode dispor de si, de outro ou da matéria de suas deliberações da mesma forma como o artesão dispõe da matéria e do material de seu saber e da experiência prática anterior. Assim, podemos indagar se essas formulações aristotélicas



ainda podem nos ajudar quando pensamos nas atividades clínicas, numa instituição clínica-escola. Isso porque podemos perguntar se os meios e os fins da clínica constituem um saber, ou se constituem através de um saber. Creio que não seria imoderado afirmar que sim. Mas o saber clínico, então, é de que tipo: um saber técnico ou um saber ético? Minha resposta a essa questão sugerirá que essa é uma interrogação que se situa na mesma tensão da interrogação aristotélica, e que, em certa medida, não se conclui de uma forma definitiva. Dito de outra maneira, afirma-se que existe sim uma experiência prática cuja acumulação precipita a elaboração, o postulado de um saber confiável que permite a abordagem da novidade da experiência que vem, ao mesmo tempo que esse saber não pode ser dogmático e é sempre apenas para a abordagem que permitirá a emergência do evento que solicitará a formação do saber do que será em cada caso, ou seja, um saber cuja formulação não pode ser dada a priori porque não é sem relação com o variável da situação real do que se apresenta. Voltando então à questão da clínica-escola de psicologia, uma vez que ela já é decidida a pautar seus trabalhos pela orientação psicanalítica, o que encaminhamos como conclusão? Afirmaremos que a imbricação ética, viável e válida das atividades que formam a autenticidade de uma instituição clínica-escola de psicologia se realiza através da ação de seus agentes; a reunião destes numa equipe e em um espaço físico constitui o que chamaremos a phronesis, o discernimento, a sagacidade da instituição no trato dos assuntos clínicos de sua competência: acolhimento, encaminhamento, tratamento e formação. Essa constituição phronética é a formação clínica que age e se transmite, ou seja, permite que sua ação possa ser realizada de novo em outras circunstâncias. Como podemos vislumbrar, não é a transmissão técnica de um saber fazer sabido, mas não deixa de ser um tipo de saber fazer, saber fazer algo frente à situação concreta que exige a intervenção do clínico em relação ao sintoma como retorno da verdade na falha de um saber.

¹ Resumo de capítulo de dissertação (em andamento)

² Professor do DFP/ Unijui